

**ÁGUA  
DE  
MORINGA**



*escritos da rosa dos ventos*

***Carlos  
Rodrigues  
Brandão***

*oferenda*

Trago nos panos da trouxa de onde venho  
os trapos dos retratos da memória,  
coisas de pouco, um rol de quase nada:  
um toco azul de lápis, um de vela  
e duas folhas de papel timbrado  
com um desenho de lua e outro de aceno  
como se fosse longe, mas não tanto.  
Um mapa de Goiás, outro da Úmbria,  
A mochila nas costas e um caminho,  
um Romancero de Lorca, uma viola  
uma rosa-dos-ventos e o rosário  
co calendário dos dias de lembrar.  
a bota escura de terra, a mão de tinta  
um arco-íris, um poema, uma janela

***quatro momentos***

*depois de ler Hilda Hilst*

***o primeiro***

Hoje eu te canto e depois não.  
Pois é só o agora o que nos faz, aqui.  
E agora somos a carne da alma  
da manhã de um deus sem nome  
e é tua a mão que desenha nele um rosto.  
E, vê, amanhece do afago que nós temos  
e de nosso enleio amanhece e vem o sol  
e o nosso ardor deu a ele o ardor do dia.  
O que existe está aqui: criamos juntos  
desta lareira de amor que o amar acende  
quando entre mãos os corpos que se tocam  
tocam a raiz da terra e o céu do mundo.

### *o segundo*

O lavrar, o encandecer, o pressentir,  
o que vem da alma agora, rara amiga.  
Sim, o lavourar a terra como em prece  
e colocar no sulco a semente e a lágrima  
e ir embora sem a espera da colheita  
no chão de terra a que chamamos mundo.  
O encandecer porque em nós, de linhas vivas  
se entretece o fio de cores do tempo,  
o arisco andejo de horas que fazemos nossas  
como quem trás pra cama o trigo e o vinho.  
E o pressentir, porque quem planta profetiza,  
como quando desdobras o branco que te veste  
e como quem se cala, com as mãos dizes:  
"agora apaga a vela, e anda... vem".

### *o terceiro*

De olhar a noite eu vi que vem de ti  
este orvalho, esta espera da manhã,  
o sussurro de águas serenadas pela noite  
e este vento que abençoa o que houve aqui.  
e o que foi ontem e sobrou neste sussurro  
com que te digo o que guardei nas mãos  
que em teu corpo tocaram chão sagrado.  
Este pequeno exercício de saber de nada  
que é até onde chega quem depois de agora  
vê que viajou do sono ao som do sonho  
e do sonho ao rosto Sem Nome do sonhado.

*o quarto*

Sombroso, melhor do que assombrado.  
Que daqui não fique ainda nada  
a não ser o desterro desta hora.  
A que se acaba de haver, e a luz se acende  
e o que clareia é o que foi e acaba agora  
e quem viveu se veste e vai embora.

*Rosa dos Ventos*  
*inverno de 2012*

## *quatro exercícios de autodesconhecimento*

### *o primeiro*

Vindo de longe como o vento, e de onde?  
trouxe o meu corpo, mera alegoria  
e mais o espelho opaco que esconde  
metade, a mascara de barro de meu rosto,  
metade o que sobrou do que me invento  
com um tanto de malva e sal a gosto  
e alguns retalhos de acaso e de folia.

Sem nada, sou um rico, e saltimbanco  
armo lona de circo, faço festa  
e, peregrino, quero nada na algibeira.  
O que não tinha, agora tenho: tempo  
e por isso escrevo isto lento... lento.  
Tempo é o que eu peneiro na peneira,  
e esse momento é tudo o que me resta.

O que eu fui, o que fiz é agora o invento  
de soletrar no caderno o esquecimento,  
até restar limpa a lousa da memória,  
como no voo a ave esquece o ninho  
como de um barco a terra some aos poucos  
como fecha a casa quem vai pelo caminho  
e esquece a chave enquanto vai embora.

Esquecido de mim mesmo eu hoje, agora,  
já não sei mais saber o que sabia:  
se aquilo tudo houve em algum tempo  
e se tudo foi s minha a trama, a história  
em que alguém acaso creia um dia,  
ou se foi tudo sonho, mitos da memória  
estória, canto, conto, fantasia  
e é mais verdade assim, por isso mesmo.

Como do voo volta a ave ao ninho  
e de longe o barco torna ao porto  
sou como quem depois de anos volta à casa  
e embaixo do tapete encontra a chave  
e abre o portão, a porta e a janela  
e colhe na mesa um álbum-de-família,  
e acende a luz onde já houve a vela  
e distraído folheia fotos a esmo.

*o segundo*

Me embaralho de pensar  
que um dia fui saltimbanco.  
Fui professor de arapucas  
que prendem bicho nenhum.

Fui aprendiz de palhaço  
fui doutor de esquisitice  
fui viajante dos tempos  
sem sair de agora algum.

Fui mestre em esquecimento  
e só sei o que eu não lembro.  
Fui sabedor do sentente  
e esquecedor de ciência.

Sonhei ser a flor do ipê  
e no jardim que não tive  
plantei três rosas dos ventos.  
Fui descobridor de nada  
que se escreva em dicionário.

prestei concurso pra fada  
(não passei por meio ponto).  
Sonhei ser o mês de agosto  
no meio do calendário  
encher o mundo de sorte  
em manhã de um dia treze.

Desejei ser flor, já disse,  
ser terra, água e semente  
paraquedista, passante  
pintor, poeta demente  
cidadão de terra-alguma  
areia e estrela cadente  
e especialista vagante.

Sem sair da minha terra  
viajei o mundo inteiro  
vindo do fim pro começo  
andando sem um rumo certo  
sem bússola e GPS  
vagando de léu-em-léu  
em busca do que, se existe  
eu nunca vi nem conheço.  
Mas numa esquina sem nome  
eu me encontrei, de repente.

Cresci sem pressa e agora  
envelheci de menino,  
e de tudo o que eu vivi  
lembro nada... vagamente.



## *O terceiro*

Acordo e não lavo o rosto.  
Faço ginástica e... torto  
escovo os dentes de um outro?  
Me visto pra ir pra onde?  
de pijama e sobretudo.  
Esqueço o dever-pra-casa  
e refaço o dever-pra-vida  
(sempre em rascunho e aos pedaços).  
Me esquivo de ser quem fora.  
Me escondo de ser eu-mesmo  
(essa doença sem cura)  
E não busco uma saída,  
qualquer rumo me leve  
pra onde eu não quero ir.

Me reinvento de santo  
de palhaço e equilibrista  
de saltimbanco e sambista  
de bispo, cavalo e torre,  
e no jogo-xadrez de sempre  
Prefiro a rei, ser peão!

Volto à escola e re-soletro  
de trás pra frente o “abc”.  
Reaprendo a ser sentente  
(como o que mora em você  
E você nem nunca sente!)

Me disfarço de ermitão.  
Começo perto do fim  
e não chegar ao começo  
é o que eu planejo, e assim  
não sonho ser quem desejo,  
e amar quem eu não mereço  
é tudo o que eu quero, enfim.  
E quero escalar o Aconcágua  
e lá do mais alto gritar  
pra quem em ouça e ninguém:  
“esqueço o que eu sei de mim  
e o que eu faço é o que não fiz!”

Mas quando eu volto pra casa  
onde eu vivo, mas não moro  
escrevo num quadro a giz  
(e logo em seguida apago)  
tudo o que eu tenho a dizer  
de vã teoria e teorema,  
pergunta, prece, oração  
prefácio, tese e poema  
(de que sou sempre aprendiz)  
pra um livro de poesia  
que eu nunca escreverei...  
É mais geografia e receitas  
de pão de queijo e farofa,  
de frango caipira e feijão.

Caio fora da internet,  
(que você domina e eu não!)  
de blogs, do face book  
do MSN e das redes  
que me enredam dia-a-dia,  
até sentir que, esquecido  
de quem escreveu isso tudo  
já não sei se sou ou não  
esse, que ainda há quem chame:  
de... Carlos Rodrigues Brandão.

Do acaso inesperado surge a espera  
de que coisa alguma aconteça agora.  
Nada existe dentro e não há nada fora  
e verão algum vem depois da primavera.

Meu coração nem sente e nem decora  
o abecedário do Carlos que ontem fui.  
Ele sonha o que eu não sei. E vida afora  
sonho com um lago que é um rio em mim e flui.

Vida é o que vivi? E nozes fora... nada?  
E é ela que eu lembro quando acordo e esqueço?  
E é no escuro dela a hora em que amanheço?  
e minha casa é o chão de uma outra estrada?

Sonho? Sonhei que me sonhava um dia  
e no sonho sonhava que havia um outro em mim,  
E ele sabia e me lembrava o que eu esquecia  
e do sono me acorde, e o que não era, é. e assim...

*o primeiro dia*

E terão vindo de um país de amêndoas  
e línguas sem o “ele” e sem o “eme”  
homens ágeis e alegres como em festa.  
E virão cantando e dizendo: “cantem”.  
E soprarão flautas e tocarão tambores  
e entre danças de abril dirão do Sol:  
Ele não é Deus, mas como um deus seria  
e por isso temos os corpos sós e nus  
e a mão esquerda tingida de azul real  
e a direita de lilás e carmesim.  
Do que aprenderam e sabem virão dizer:  
Nada viemos ensinar pois destas coisas  
Cada um aprende com o vento o seu quinhão.  
Temos apenas estas danças e dançamos  
Com os pés no chão do orvalho e da aurora.  
Não somos anjos, não anunciamos o futuro  
e somos seres de carne e de sopro e barro:  
nós, os que viemos de longe para dizer com danças  
que há tempo ainda e o tempo é sempre agora.

***momento***

Não fora de argila essa manhã  
no forno que acende o sol do sul,  
e nem cantasse na mata um urutau  
e este riacho estreito e arrependido  
de haver deixado o alto de seus montes  
onde o nome de Deus se fala com três letras  
e essa música a murmurar nos teus ouvidos  
uma canção de amor e esquecimento,  
essa música, ouve, que poderia ser de anjos  
e é de água e de peixes, pedra e sonho.

*Rosa dos Ventos*  
*30 de dezembro 2003*

*o dia, quando acorda*

Dá-me, Deus, o que eu já tenho  
como este eu de quem sou e é quem?  
E não sabe e acorda e então é dia  
Como esquecê-lo se ele vai comigo  
E é quem me lembra de ti quando eu esqueço?

Dá-me este corpo que te quer ver  
e enxerga folhas, uma nuvem, meio pão  
uma ave, uma criança, uma cantiga  
o jornal de ontem e a mão da moça  
à espera do meu resto de comida.  
E o rosto do outro ... meu irmão?  
(o seu nome eu sei? O seu perfil?)  
e o mal do mundo e, às vezes, a alegria  
de estar vivo agora, e é só, e é bom.  
Dá-me, Pai, esta alma que te busca  
enquanto é quinta feira e chove  
e mais o andar de quem não acha,  
mas procura a passos pela areia  
e se te encontra enfim, não sabe mais  
se isto é acaso, se é fé ou se poesia.

*sobre o amor solto nas ruas*

A mulher catando latas de cerveja  
um fio de sangue, um corpo na calçada  
um cego embriagado entoando samba  
E dois jovens se beijando como em maio  
enquanto um velho aos farrapos diz que é Cristo  
a dois meninos dormindo em papelões.  
Um outro bêbado gritando ao mundo e a Deus  
o mesmo de quem falava um homem crente  
com promessas de inferno e paraíso,  
enquanto alguém vendia doces e dizia:  
“é doce!” e andava com muletas, e sorria.

***Abelha branca, zumbes***

*(De Neruda a Matilde)*

Amorosa amiga, alguma noite antiga  
te fez a fios de fogo e foi embora  
e sobra o silêncio em tua casa.  
Os deuses do sentido eu chamo em teu nome  
com o ardor de abril e o mel de maio  
e convoco, irmãos e iguais, Oxossi e Pã.

Aranha e maga, arranhas a teia do vestígio  
e do arvoredado. Os rios da seiva te ornar  
e de madeira dura é o pano de teu corpo:  
de pinho feito e de pólen, de poeira.  
Vasto é o sentimento e nele viajas  
como quem vem da gávea e vai ao leme  
e voas ao aceno das estrelas  
e velejas no arcano, o lume aceso.

Pois és o fogo e a brasa e és a areia  
e algo em ti arde da autora à hora do segredo  
quando o teu dorso de alma afago,  
e navegante vou com a mão entre o medo  
e o estuário do teu ser etéreo e de argila.  
E se estremeço é porque colho  
no jardim de cores de teus olhos  
como ave atenta ao brilho de uma estrela  
o aceno afoito da nave do desejo  
navegando o bravo mar do Chile.



*a tarde, a noite*

Escuta: os tardos bois da tarde  
amanham grãos de março  
e sobre um monte onde há vozes  
voam três aves e anoitece.  
O escuro cai e faz um frio.  
Troveja longe e um raio rasga um véu  
feito de orvalho e sonhos de menino.  
Há uma lembrança ontem esquecida  
de ser lembrada para sempre nesta noite,  
e sobre o corpo do campo  
algo de um rosto antigo paira  
como a pesada pessoa de um morto.

A foice cortava anteontem  
o que não era prado e nem festa  
no alqueire verde do chão.  
Não há um sino que redobre  
nesses ermos de sertão.  
Mas às seis horas da tarde  
algumas mulheres velhas

cessam ofícios de forno e de fogão  
e abraçam não sei que nome  
como o de um filho ou de um deus.  
A noite cai por onde quer  
e para florirem os pés de ipês  
com a cor de alma e a cor da sombra  
a lua e as estrelas hoje esperam  
fogões apagados, cinzas, cinzas  
e o morno sono das chaminés.

*Pretos de Baixo*  
*Joanópolis*  
*fevereiro de 1993*

*inventário*

Seco, sem ares e vivo de vida  
o que é igual ao que não era azula  
e no escuro do escuro do que existe  
cresce no altar do tempo a ara do tempo  
e sobre o solo da alma a água apruma  
o seu se ir de rio em rio caminho afora  
como essas águas de maio no sertão.  
E é tarde e chove e cai um raio, e um outro  
acende o céu e o céu aclara a noite clara  
e é cada estrela como a espera de outra  
e o sol da luz lembra ao olhar do homem  
que uma vela só clareia o mundo inteiro.

*a noite*

Vem do luar  
uma branda luz de prata  
com que a lua prateia o seu luar.  
E de prata se cobrem a vida e o vento  
e é o claro da noite que clareia  
a luz clara da lua e o seu luar.  
Tão clara luz clareia este lugar  
tão de prata ela prateia este momento,  
este clarão a que chamamos “noite”  
e o seu veludo de estrelas e de luz,  
que se imagina: a luz é o sentimento  
com que a noite pensa o seu passar.

*agora brilhe*

Venha a luz!  
Branqueie o quintal  
a casa e o muro  
e azule agora  
a estrada, a trilha  
da face do que antes  
era escuro.  
E o que foi noite  
e o seu rosto  
de sombra  
e de veludo  
Agora aclare.  
Agora brilhe!

*Cidade de Goiás*  
*março 2013*

*uma casa velha num canto de Goiás*

Lembro uma tarde, chovia e era março.  
A casa era vazia e adormecia  
e as coisas se olhavam sem espanto  
desde quando as mulheres foram embora  
e da casa levaram as mãos e as malas.  
Sem espanto as coisas se entreolhavam  
enquanto a casa velha envelhecia.

Um anjo sem ofício madrugava  
e velava a sobra do que havia:  
uma panela sem a tampa, uma caneta  
um tinteiro vazio de tinta preta  
uma foto sem o rosto de quem foi  
um livro dado às traças e ao silêncio  
um calendário de um ano que passou  
um relógio parado às dez pras duas  
(e na hora certa duas vezes todo dia)  
um poço de água sem água, boca e fundo  
uma teia de aranha sem a aranha  
a poeira sem o medo da vassoura  
e a vassoura sem pelos na parede  
esperando o fim do dia, ou o fim do mundo.

*Cidade de Goiás  
Semana Santa de 2013*

*como se*  
*para Maria Alice*

Talvez porque a tarde de junho fosse como sempre,  
mas uma certa coloração, de resto, bem usual,  
Entre o laranja, o lilás e o vermelho claro  
Desse ao crepúsculo alguns acentos de almanaque,  
ou talvez porque inadvertidamente então  
o canto de alguns pássaros dados como extintos  
soletrou de repente e ao puro acaso notas de música  
Que os ouvidos juram haver esquecido,  
talvez apenas porque o julgamento dos mortos  
sobre os gestos ruins e bons dos vivos  
pareceu por um momento adiado para outubro,  
talvez porque... bem, porque é tarde  
e o canto das aves e aquela inaprendida sensação  
de que é possível arrancar flores do jardim  
sem o juízo implacável dos avós,  
então, pela beira dos campos aqui em Goiás  
tomei as suas mãos, amada minha  
e vinte e dois anos depois de um dia em julho  
eu as beijei com o olhar travesso e amoroso  
do menino que fui há muito tempo  
e que eu pensei haver morrido não sei quando.

*Campinas*

*como um presente*

hoje eu te trago  
amada, amiga  
um sol de dores  
um rol de flores  
e as cantigas  
que o povo canta  
quando em janeiro  
a um deus menino.  
refrãos e frases  
te trago hoje  
de um desmazelo  
que vida afora  
levo comigo  
quando o sol conta  
qual o caminho.  
trago nos bolsos  
os inventários  
das melodias  
que a morte pinta  
e a vida fia:  
uma de noite  
outras de dia.

mas também trago  
amiga, amada  
flores da mata  
cheiros de malva  
e madressilva.  
trago um alqueire  
de terra preta  
da terra viva  
do coração.

nas mãos, no canto  
amada, amiga  
trago a alegria  
de tanto amor  
e esse poema  
que canta e conta:  
o que foi feito  
o que foi dito  
o que foi ontem  
o que foi vida  
amada amiga  
o que foi nunca  
por isso é eterno  
o que foi dor  
por isso é terno  
o que foi triste  
por isso é nada  
amiga amada.



*águas ao vento*

Memória de viver.  
Águas ao vento.  
Moinho de pedra  
que a própria pedra mói.  
Caminho esquecido  
do começo.  
Ferida na pele de meu rosto  
que mesmo sarada  
ainda dói.

*o semeador do oitavo dia*

A lavoura que plantei  
floriu em abril  
e agosto secou  
o que era palha.  
Havia flores.  
Alguns frutos eu colhi.  
O que sobrou agora  
Que ainda valha?

*a água, a terra*

Separa do viver  
a água e a terra.  
Uma é a que guarda  
a vida que te resta.  
Outra é para onde vais  
quanto ela já não bebe  
a vida que há na água,  
e seca ela se esvai  
e, areia, ela te esquece.

*lembrar, esquecer*

Com lã e linho tinto teço  
o arremedo dos feitos  
que não fiz.  
Com agulha escrevo  
no tecido um texto,  
um conto, canto.  
Uma estória com final feliz?  
E o que a minha mão  
recorda, borda e tece  
a memória de quem fui  
desfaz... e esquece.

Não relembro o que fui  
enquanto havia a história  
do que me houve  
e sonha ser a minha vida  
onde a volta veio  
antes da vinda,  
e por não existir mais  
agora, desenhada  
no tecido da toalha da memória  
é nada, e sendo nada,  
é infinda.

*a mala e na mochila*

Arranjos do viajar  
(ir-se pra onde?):  
Uma sacola de lona, um calendário  
duas cuecas e três camisetas  
uma escova de dentes, um sabonete  
um caderno de espiral para um diário  
dos dias de lembrar e de esquecer  
um lápis azul, uma caneta  
uma sandália de palha, uma lanterna  
um livro de Drummond, outro de quem?  
um canivete, um lenço verde e branco  
uma capa de revista: um barco a vela  
um mar em verde, a praia de uma ilha  
e a espera sem ânsias de um alguém  
e o vento, o vento, o vento, o vento ainda  
e atrás do vento os dias por viver.  
Um passaporte sem retrato e assinatura  
E no lugar do nome, um nome assim:  
“ninguém”.

*lembramentos*

A saudade que eu tenho  
não é de lá do lugar de onde eu vim.  
E nem é a saudade do que eu fui  
Quando eu fui quem eu era  
lá muito antes de ser eu.  
A saudade que eu levo  
e vai comigo vida afora  
viajando como o vento  
que mal chega aonde chega  
e já passou, e já passou  
é do lugar pra onde eu viajo agora  
carregando nas mãos o que é meu  
e viajando de tão longe  
pra mais longe: lá de onde eu vim  
e longe, longe, é pra onde eu vou.

***Vida... vida?***

Do acaso inesperado  
surge a espera  
de que coisa alguma  
aconteça agora.  
Nada existe dentro  
e não há nada fora  
E nenhum verão vem  
depois da primavera.

Meu coração nem sente  
e nem decora  
o abecedário do Carlos  
que eu ontem fui.  
Ele sonha o que eu não sei  
e eu sonho vida afora  
com um lago que eu sou  
e hoje é um rio... e flui.

Vida é o que eu vivi?  
E noes fora... nada?  
E é dela que eu lembro  
quando acordo e esqueço?  
E é na noite escura  
a hora em que amanheço?  
E a casa em que moro  
é o começo de outra estrada?

## *Momento*

Não fora de argila essa manhã  
no forno que acende o sol do sul,  
e nem cantasse na mata um urutau  
e este riacho estreito e arrependido  
de haver deixado o alto de seus montes  
onde sussurra tudo o que é tristonho  
e essa música a musicar os teus ouvidos  
Uma canção de amor e esquecimento.  
Essa canção que poderia ser de anjos  
E vem da terra e do que toda a terra canta,  
e é de água e de vento, pedra e de sonho.

## *Inventário*

Seco, sem ares e vidas da vida  
tudo resseca neste ar de outono  
e o que é igual ao que não é, azul  
e no escuro do escuro do que existe  
cresce no altar do vento a ara do tempo  
e sobre o solo da alma a água apruma  
o seu se ir de rio em rio caminho afora.

E é tarde e chove e cai um raio, e um outro  
acende o céu, e o céu aclara a noite clara.  
E cada estrela é como a espera de outra  
e o sol da luz lembra ao olhar do homem  
que uma vela só clareia o mundo.

***Ouvindo um poeta***  
*(Jorge Luís Borges)*

como aquela noite nunca houve  
quando a luz da lua como vinho se bebia  
e no fim da tarde ela veio leve e fria  
quando em tudo um arco-íris mal vestido  
coloria as sete cores com que o sol  
fiava a roupa do atardecer, e se cobria  
de vermelho e de roxo, de azul e cinza  
e de tristeza e solidão, paz e alegria.



***Vida? Vida***

Existimos aqui ou quando?  
Um cair de gota de água somos nós?  
Somos o tempo do pio de um passarinho?  
O bater de asas de uma borboleta somos nós?  
Somos o vento que passou antes de vir,  
E, como nós, mal sabe de onde veio e pra onde vai?  
Somos um primeiro clarão do sol da manhã cedo  
ou o que há entre a noite e a chegar dele  
Quando mal a luz clareia o arvoredo?  
Somos eternos como a flor que flore um dia?  
Ou efêmeros como a terra em que ela cai?

*Quero lembrar*

Eu me narro a narrativa  
dos farrapos do tecido  
Que eu teci.  
Uma trama trançada  
a fio de vida.  
A esquecida lembrança  
Não lembrada.

Memória de viver.  
Águas ao vento.  
Moinho de pedra  
que a própria pedra mói.  
Caminho esquecido  
do começo.  
Ferida na pele de meu rosto  
que mesmo sarada  
ainda dói.

A lavoura que plantei  
floriu em abril  
e agosto secou  
o que era palha.  
Havia flores.  
Alguns frutos eu colhi.  
O que sobrou agora  
Que ainda valha?

*Com lã e linho teço*

Com lã e linho tinto teço  
o arremedo dos feitos  
que não fiz.  
Com agulha escrevo  
no tecido um texto,  
um conto, canto.  
Uma estória com final feliz?  
E o que a minha mão  
recorda, borda e tece  
a memória de quem fui  
desfaz... e esquece.

Não relembro o que fui  
enquanto havia a história  
do que me houve  
e sonha ser a minha vida  
onde a volta veio  
antes da vinda,  
e por não existir mais  
agora, desenhada  
no tecido da toalha da memória  
é nada, e sendo nada,  
é infinda.

## *O clarão do céu do chão*

Vindo cedo a noite agora, veja:  
quem veio acompanhando ela?  
Quem veio ver o seu clarão de luzes  
penduradas no espelho da janela?

Cobre de cobre a tela das estrelas  
a noite e as suas cores de aquarela.  
E quem olhar atento o céu do chão  
verá que nele a cor do claro se desvela

Como o laranja do pano da flanela.  
E brilha o vaga-lume desta noite  
e como é noite sem lua e sem estrelas  
brilha da luz que sai de dentro dela.

Na noite de chão claro um arco-íris  
colore de cores o branco de uma tela,  
e quem espia o rosto do sol posto  
verá que há bem mais cores que o amarelo.

O sertão do São Francisco é todo luz  
como a água clara no fundo da gamela.  
Como a criança que ri do que era sério  
e alegre o mundo com a alegria dela.

O chão de maio é um saco de quirela  
que, aberto, derramou milhões de luzes,  
como as da roupa de um palhaço velho  
esperando o teu olhar pousado nela.

Como a mulher que de branco cobre a mesa  
e em cima do branco acende a vela.  
E é noite e ela espera quem não vem  
e deixa a vela acesa enquanto vela.

E a noite clara clareia o chão da noite  
como a roupa de uma noiva de novela.  
Mesmo sem a lua a noite se rebrilha  
e até o ipê roxo de tão roxo se amarela

Veio a noite e você não veio nela  
ah! lua clara, clarão da clara noite!  
Hoje o céu veste nuvens cor de nuvem,  
e eu sei que você brilha acima delas.

*O nirvana*

Quando um floco de neve  
caiu no meu ombro  
pensei: podia ser agora  
a hora em que, branco desta alvura  
eu morro, parto e vou embora.  
E vou embora  
sem saber se volto à terra escura  
ou se algo de mim  
de mim se evade  
E como a neve ao vento  
sobe a alguma altura.

***Lendo Fernando Pessoa***  
*(e reescrevendo)*

O poeta é um fingidor  
(um fingidor inocente).  
Finge tanto, e inutilmente  
que escreve pra não esquecer  
a dor que, esquecida...  
sente.

*tudo é todos, todos são o todo*

Toda coisa é um gesto  
e tudo envolve o Mundo inteiro  
como uma casa, uma alma, um poema.  
Todo Ser é um sonho  
e, por isso, em cada Ser  
habita a alma de todo o Mundo  
da estrela imensa à flor, pequena.

Ontem ventou a noite e madrugada  
e hoje um galho de árvore antiga  
vogava caído pelo Rio de São Francisco  
entre a cidade de Barra e Paratinga.  
Ele passou por nós na corrente, rio-abaxo  
e parecia inerte, seco e sem destino

No entanto, ali no galho seco  
no pedacinho de seu vogar efêmero,  
passageiro mínimo e rio que o rio descia  
o pequeno galho habita o rio inteiro  
assim como o rio que leva o galho  
navega nela e habita toda a Terra  
e tudo o que nela há e havia.

Assim como a Terra, barquinha errante  
habita um traço do Universo ao redor de um Sol  
que com o seu cortejo de planetas e asteroides  
navega a Via Láctea com os seus milhões de estrelas  
vogando até algum ponto infinito do Universo,  
de que o Galho, o Rio, Eu, Você,  
a Terra, o Sol e tudo somos parte.

O galho seco e errante, levado pelo rio  
é um gesto da Vida e contém a Vida inteira,  
e abraça em seu fluir de rio-abaxo o Cosmos todo,  
pois em cada pequenina coisa viva e errante  
(mesmo quando caída e sem seiva e seca)  
tudo o que existe no fluir da Vida, é Vida  
e existe como um fio do fluxo do fluir da Vida  
E no galho, se o sol brilha por um instante,  
ele - um galho seco rio-abaxo - é o espelho  
onde o sol espelha o seu rosto radiante.

E assim, ao olhar agora um galho de árvore  
(aqui, na terceira margem deste rio)  
separado de seu tronco pelo vento e caído  
nas águas do Rio de São Francisco.

Viajante do inverno levado pelas águas de julho  
eu perguntava: *é o rio quem leva o galho seco,*  
*ou é o galho quem guia o rio ao seu destino?*

*Escrito a mão durante a viagem do Projeto "Caminho das Águas", uma  
longa viagem pelo Rio São Francisco, entre Pirapora e o Pontal do  
Peba, na foz do grande rio, em um julho de 1999.  
Esquecido durante anos. Reencontrado em janeiro de 2012 na Rosa dos  
Ventos e devidamente revisto.*



*dez poemas  
escritos a mão  
três sobre o mar  
e sete sobre o sertão<sup>1</sup>*

**os três do mar**

*tudo o que vem se move*

Agora cada vez me vem o mar.  
Guardador de outonos, eu me espanto  
de olhar para trás e me ver vindo.  
Era ontem um tempo inacabado  
e então eu relembro quando é noite  
e do alto do céu Órion me fala:  
*é noite ainda, e era noite outrora.*  
Venho de um tempo quando eu era vento  
e viajava em maio de um país a outro.  
E hoje, quando há vento, do alto deste nome  
vejo que a noite, o tempo, o mar e o vento  
tudo o que vem se move, menos eu, agora.

*Ilha de Santa Catarina*

---

<sup>1</sup> De fato todos eles foram originalmente escritos a mão, em folhas de um velho bloco de cartas marca BRASIL. Três deles, todos eles sertanejos, escritos em Montes Claros e em Pirapora, na beira do rio São Francisco. Os outros oito, de mar e de sertão, escritos em Florianópolis, na beira do mar, durante o outono de maio de 2006.

*Uma ilha-barco aporta para sempre*

Uma ilha como um navio ancora aqui.  
Derruba velas e pede a paz ao vento.  
Deixa que a areia banhe a sua proa,  
brinca de ser porto quem foi trilha  
e acolhe nos mastros as gaivotas.  
Uma ilha-barco aporta para sempre  
e se cobre de ninhos e paineiras  
e de mangues e de praias, de capelas  
e de festas de santos padroeiros.  
Uma ilha é um navio que não navega  
e acolhe a cada dia um navegante.

*e agora longe, quando eu me vou*

Amei o mar.  
Foi quando era menino  
e molhava os pés na água e era anjo,  
e voava sobre Copacabana  
carregando uma estrela em cada asa.  
Gostava de andar pelas areias  
ali, onde a onda se termina  
e desenha na praia o meu destino.  
O mar não era mau nem inimigo  
e morrer nele era morar em outra casa.  
E agora, longe, quando eu me vou  
por caminhos onde há vales e veredas  
é o mar que amei quem vai comigo.

## Os sete do sertão

*e de longe, de repente, o que se via*

Lembro de quando  
um boi vinha na estrada.  
Era manhã e o sol de março era  
como um céu azul de meio dia.  
E então era em Minas  
a estrada estreita e antiga  
por onde o boi viajava e vinha.  
E de longe, de repente o que se via  
do alto deste canto em Minas,  
era um boi parado numa estrada  
e uma estrada que pelo boi caminha.

*E o rio assiste, mudo, estranho*

Agora, ali onde é longe  
já o sertão de Rosa  
não é mais como antes fora.  
Um boi berra, outro responde  
e o vento é como sempre, ele ressoa  
entre o que foi vereda e hoje é pasto  
e o odor da terra é outro:  
um cheiro acre, amaro mel.  
Cobre o chão do cerrado um tapete  
em tudo igual ao mesmo  
e é verde, mas ainda é vivo,  
sem mais o desenho e a cor  
que as águas quentes de janeiro  
multiplicam no corpo do sertão?  
As maritacas voam e gritam  
perguntando por mangabas  
e o rio assiste, mudo, estranho  
o sumir de pacus e de piaparas.  
E entre chapadas e veredas  
a dança das emas some agora  
porque somem as emas que dançavam.

*à espera do apito ao longe*

*Velhos, os vapozeiros*  
vestidos de cinza cor da cinza  
vigiam as águas que navegam  
das montanhas altas de Minas  
aos campos lentos dos Gerais  
à espera de um apito ao longe  
do vapor que vinha, e não vem mais.

*sonha o rio um dia ser lagoa?*

É preciso ouvir o canto do silêncio  
desses rios de alma lenta do sertão  
quando descem entre planos e planuras  
empurrados por agosto e o seu cantar.  
Sonha o rio um dia ser lagoa?  
Sonha deixar de navegar  
e abrir entre os ocos do cerrado  
seu pequeno oceano em chão mineiro  
e a geografia de seu próprio mar?

*Pirapora, beiras do São Francisco*

**três poemas com a palavra: vento***Como o vento, as palavras vêm*

Escrevo. E ouço me dizerem as palavras  
que nada do que está escrito aqui é meu.  
As palavras me tomam nessa noite.  
Como as sementes de um pé de amoras  
elas me chegam de longe com o vento.  
As palavras que eu digo, que eu escrevo,  
não são minhas letras e palavras  
e nem as frases e ideias que penso serem minhas.  
Elas me chegam, brotam na terra de que sou,  
como a planta semeada se desvela.  
Nada do que está escrito aqui é meu.  
Nada do que escrevi a vida inteira foi meu.  
As palavras que dizemos e as que ouvimos  
não são nossas em momento algum  
e se ilude aquele que escreve e pensa: “isto é meu!”.  
Elas chegam com o vento, como o vento.  
Vêm de longe, de um onde não sabemos,  
e por outros rostos foram ditas e em outras vozes  
sob a sombra de outras árvores e outros frutos.  
E outros ouvidos as ouviram em outras línguas.  
Um vento de passagem as recolheu, um vento  
como o que agora venta aqui. Vem e escuta!  
Em outra noite como agora, em um lugar distante  
um outro vento as recolheu nos braços, safra de letras.  
e as palavras que pensamos nossas, vieram nele.  
Terão cruzado o calor de algum deserto.  
e povos beduínos as terão ouvido antes de nós  
as palavras que cantaram e não são nossas.

Terão atravessado um mar, um oceano,  
guiadas talvez por uma estrela  
que de longe traduziu letras, palavras  
e as entou antes de nós, bem antes.

E com o vento chegaram aqui as palavras  
e por um instante, durante um breve tempo  
do passar do sopro de um vento errante  
elas me habitam como quem, cansado  
encontra uma tenda ou a sombra de outra árvore.  
Um momento efêmero, porque logo tomam alento  
e em um outro vento viajam... vão embora  
e pousam em um lugar longe, de outras línguas.  
E passaram por nós, e as ouvimos e falamos,  
e algumas vezes as retemos num papel  
imaginando sair de nós o que apenas nos visita.  
E aqui ficamos enquanto elas nos deixam.  
E o que chamamos, sem saber, “silêncio”  
é apenas o seu ir embora e nos deixar  
até que outro vento passe e em nós ressoe  
um poema, um pensar, uma canção.  
Palavras que repousam em nós o seu minuto.  
Em nós que sonhamos que ouvimos  
Vindo dos rios de nosso corpo o que flui no tempo,  
em sabermos que aquele que escreve  
é apenas um alguém um pouco mais atento ao vento.  
Ele escreve as palavras que o possuem,  
mas quem? Quem decifra a voz do vento?

*Era uma tarde, o vento*

Era uma tarde e era quase a noite,  
no horizonte houve um traço de Van Gogh:  
um tom de laranja e um outro cor de barro.  
E eu sonhava ir indo por ali, sozinho.  
Como quem deixa as uvas e colhe o vento.  
A noite veio vindo como quem a pé  
e acendeu entre a Lua e o Cruzeiro  
um carreiro de velas. E pareceu até  
que o breu da noite clareia mais que o dia  
por um instante que fosse, um momento.  
E sobre o manto do mar Órion molha as mãos  
e quem neste vôo vela a noite como eu,  
desperto e aceso, se espanta e se pergunta:  
para onde foi o que da tarde havia?  
E quem chegou e quando? Vindo de onde?  
Trazido de qual nuvem? De qual vento?  
De que lugar que longe há, e eu não sabia?



### ***O berrante, o vento***

Ouves este som? Pensas que é o vento?  
Ouve de novo! Escuta e vê. Não venta.  
E na volta da estrada é um som dolente  
quem trás até aqui três notas de um berrante.  
Alguém que não o vento o sopra. Ouves? Quem?  
É um boiadeiro quem canta e, como o vento  
fala a ele e aos bois, e a nós e a deus,  
e a todos embala como se fosse um berço  
o sertão que entanto é pedra e fogo aceso.

Berrante, o artefato de sopro mais humilde  
e o som mais igual ao Om de Krishina.  
O mais deserdado sopro, o mais sem arte.  
Não há lugar para ele entre violas  
e sanfonas e tambores das folias  
e dos bailes que embalam alegrias  
entre um dia vinte e cinco e um dia seis.  
Ele sonha ser apenas um mugido,  
um como o vento que de um chifre sai,  
pois é ao gado que viaja que ele fala.  
Não o ouves? E pensas que é o vento.  
tu que vens de longe e aqui te esqueces.  
Escuta, como em missa, como em prece.  
Pastor de bois, o boiadeiro quando sopra  
O berrante que o gado ouve e sente,  
é um pouco como deus, senhor do vento.

*a lembrança de tudo*

Nunca se morre de uma vez  
nunca é para a noite escura  
e nunca para sempre: sempre há vida.  
Sempre há um copo de água, um pão, um peixe  
e como o cosmos, tudo flui ainda  
enquanto há ritos entre amigos  
e se celebra Deus com cantorias.  
E a vida é isso e é agora, e a prece  
e é essa viola de dez cordas  
com que chamamos Cristo a vir beber conosco.  
Pois entre tudo e o sonho desta noite  
somos a linguagem deste nome: “nós”.  
e se há um gesto de bem, um olhar, um “sim”  
tudo isto é um salmo e a mão de Deus  
toca o vidro da vidraça, e ele diz:  
“já somos todos, vamos, sempre é tempo”.

*O silêncio*

Guardo para te dizer um dia  
A palavra nunca dita.  
No silêncio semeio o seu segredo  
E me revelo a ti de não saber, eu mesmo  
O que tenho a te dizer e calo ainda.

*Soneto*

Bastou que o sol da tarde se escondesse  
Ah! Tempo quente, mas de cores frias  
E bastava que um pouco ainda chovesse  
Para eu saber que habitava um dos teus dias

E caminhava sem saber o quanto guias  
Não só os pés e os passos, mas o rumo, esse  
Por onde quando chegas, tempo nem sabias  
Que é tanto o medo de que em ti eu me perdesse

Habitante que fui de um pouso à tarde  
Onde aprendi que viajando dentro das horas  
Não sei se chove ao não saber que o sol não arde

E entre pontas de luz e a sombra da asa  
Em que voas, dia, enquanto partes e demoras  
Em me seres mais que um tempo, a minha casa.

*Viajando entre lugares*  
*Agosto de 1973*

*Deixai-me voltar para casa*

Deixai-me voltar para casa.  
Deixai-me voltar para a minha casa.  
Já andei por todos os caminhos  
Que um dia me foram destinados.  
De muitas fontes de água eu bebi a água  
E bebi com outros o vinho de infinitos gestos.  
Fiz amigos em tantas línguas  
E em quantas camas despejei o corpo  
E entre o sono e o silêncio adormeci.  
Agora anseio apenas pelo caminho da volta.  
Entre todos os que eu percorri  
Este caminho é o mais fácil e mais distante  
Porque ele vai de onde eu fui  
Até o lugar sem nome de onde eu vim.  
Não me lembro de onde vim  
Mas é este o lugar para onde sonho  
Da direção dos passos e dos cantos  
Que ainda sei cantar quando caminho.  
E assim quero voltar à minha casa  
Até quando chegue a hora de partir de novo  
Da viagem ao lugar da última casa.

*Extrema, no sul de Minas Gerais  
21 de outubro de 1991  
(escrito e com data na contra-capa de um livro de poesia de  
Anna Akhmátova)*

com este fragmento na última página:

*Talvez não seja  
Mais o tempo dos corpos  
Pois o outono deles  
É a primavera do espírito.*

## Dois poemas de tempos de espera

### *um*

A alma tem disso no Advento:  
 Ela espera pelo anúncio de uma estrela  
 e o murmúrio do choro de um menino.  
 “Deus - diziam os antigos –  
 é quem fica quando tudo foi embora”.  
 Mas é muito para quem espera tanto  
 e um deus que nasce bem pode ser assim.  
 pois dele eu quero um toque pequenino  
 do gesto com as mãos sem o milagre.  
 E sem o brilho de uma estrela no Oriente,  
 Quero os passos de três velhos no deserto.  
 Quero um pouco de paz, um pouco, mas sem fim.  
 E o bem do amor, como um pão que se reparte  
 quando veio a noite e um fogo aceso  
 reúne em volta seis homens que se abraçam  
 e perguntam pelo nome, uns dos outros  
 e semeiam pelo campo pés de amora  
 e vão embora sem a espera de colher.

### *dois*

O realejo da vida tem seus dias  
 e algumas vezes pensamos saltar deles  
 a outros mundos, não sei, a outra vida.  
 O trem parou na estação: eu fico aqui.  
 mas nem é ela: a vida. Somos nós, sou eu!  
 E em dezembro eu sento neste banco e lembro  
 e toco a mão no pulso e espreito a vinda: do que? De quem?  
 E a vida existe e me sinto: sou seu filho e espero  
 e sentando num banco de estação sou herói errante  
 e é quando alguém me diz: para, escuta: é tempo de Advento  
 um deus, menino, você sabe? Há muito tempo ...  
 E ele se cala. Cala e vai embora.

Algumas vezes sobramos de nós mesmos:  
somos um e somos tantos e nem cabemos  
nas contas de Vinicius de Moraes  
e nem no vestuário vão do corpo.  
E então ele aperta com a roupa de um outro.  
Mas o que em nós olha e espia no horizonte  
e diz, como um profeta: quem vinha vai chegar!  
E cala, e espera, e toma um vinho tinto  
pois há mistérios que ditos perdem muito.

É quando pensamos: a alma existe  
pois o que é de mim que há e sobra aqui?  
E perguntamos, como um dia em Isaías:  
vigia, vigia, o que é da noite?  
E ele lê e responde (você lembra?)  
A noite vem e vem também o dia!  
Quem esperar, espere! É advento  
e há um rio no Oriente e um deus,  
e um dia vai vir ali e beber água:  
e esse é o milagre. Este é o milagre.  
E ele vai dizer: benditos os mansos, os pequenos.  
e o resto são mitos, como Lázaro.

Às vezes somos os desejo do silêncio, e só.  
E então, quem canta em nós? Quem canta?  
Quem rumoreja esse hinário de cantigas?  
Esse desejo de cantar baixinho  
a um menino que nasceu na noite  
não sei se em Belém, ou se em meus sonhos?

*sobre o amor solto nas ruas*

A mulher catava latas de cerveja  
Um fio de sangue, um corpo na calçada  
Um cego cantava sambas na porta do bar  
Eles se beijavam como se fosse março  
E um velho aos farrapos parecia Cristo  
Dois meninos dormiam em papelões  
Um bêbado pensava que era deus  
E de um outro deus falava um crente  
Vendia doces e dizia: “é doce!”  
Andava com muletas e sorria.



**Poemas e fragmentos escrito em páginas  
de um livro de poemas de W. H. Auden**

*primeiro*

Haja isto: o certo acerto do azar da morte.  
O aceitar sem queixas o gesto do inimigo  
O temor do estranho do gesto de poder  
Quando ele chega e sem dizer o nome  
Assenta na mesa e diz a todos: eu vim.

*segundo*

A tudo a natureza inunda de aves calmas.  
Vagarosas no voo como os velhos.  
Sábias no que calam como às vezes as crianças.

***terceiro***

Já pelo seu outono ele viajou a uma imensa mansidão.  
E assim ancorou no porto de sua casa, à volta da espera/e navegou a  
sua mão como se fosse um golfo.  
E todas as manhãs atravessava mares, indo do quarto ao escritório  
Como quem viaja de uma ilha a uma outra, longe.

*Há uma indicação na página 85: "Grenoble/Bourdeau, 24 de setembro de 1994.*

***Quarto***

E o mal cheiro sem tamanho  
Machuca a noite de setembro

*Chegando de Paris no aeroporto de Salvador em 30 de setembro de 1994.*

***o começo do dia***

primícias de mar  
pobres primícias  
de uma pobre manhã  
de vento e sem o sol.  
Uma manhã aqui  
aberta entanto  
na janela do dia  
para o pescador  
de volta ao rancho  
na manhã de maio  
com as mãos vazias  
e o rosto amargo  
e os seus trastes  
de mago e de artesão  
na espera de amanhã  
de um outro dia  
onde haja sol e peixe  
e a alegria.

*na última folha de uma agenda de 1975*

***com a sombra***

Como a sombra eras, como a sombra  
e da noite onde as sombras moram, vinhas  
pois é noite ainda e a lua ausente brilha  
brilha, amiga, ainda na morada da memória.  
E é noite e há apenas noite agora, para que  
brilhe, vinda de ti, esta luz imaginada.

*encontrada na última folha de um livro, em duas versões e  
sem maiores indicações*

*um lugar*

Era uma esquina de três ruas em Copacabana.  
Havia um poste na curva entre as três ruas  
um poste como todos os outros com ferros e fios  
mas ele tinha uma base de cimento ao redor  
e assim, era o único poste que era também um banco  
ali, entre as esquinas de três ruas em Copacabana.  
Havia uma árvore; havia mais e quantas eram?  
Mas uma, mais próxima do poste e da esquina  
derramava um gesto de sombra sobre o banco.  
Alguns pardais estavam sempre ali  
e se eram os mesmos, só eles saberiam.  
E se aninhavam na árvore e justos esperavam  
o pôr-do-sol para cantarem juntos.  
Eram poucos os carros e até poucos os passantes,  
pois aquela era uma esquina de ruas esquecidas  
mesmo sendo três ruas de Copacabana.  
E assim, o poste, o banco, a árvore e os pardais  
reinavam ali e hoje reinam na lembrança.

*na última folha do antologia poética, de Elizabeth Bishop  
da "Ediciones el Tucan de Virginia". Vejam só*

## *Paulo*

Não há motivos para esta festa de trigais.  
 Não somos sequer aquela nação de gentes  
 Acostumadas a títulos e escapulários.  
 Viemos de longe sim, é bem verdade  
 E formos notados aqui, como estrangeiros.  
 Mas não viemos aqui em busca de coisa alguma  
 Que não caiba no chão da tenda que armamos.  
 Se nos perguntarem: uma estrela? Diremos: não!  
 E não somos nem reis e nem magos, nem mesmo sábios.  
 Ignoramos os sortilégios que trazem chuvas  
 Trememos de frio quando vem o frio  
 E não falamos grego e nem armênio.  
 Sabemos eu há aqui pessoas imponentes  
 Vestidas de sedas e com nomes como Caifás.  
 Mas os nomes que temos são, um, Pedro e , outro, Paulo.  
 E um de nós conviveu com um estranho homem  
 Que de seis pães fazia muitos  
 e falava de crianças e sementes.  
 O outro sou eu que deponho ante este júri  
 E vi uma certa tarde, a caminho de Damasco uma luz  
 E resolvi por conta própria  
 que já era tempo de anunciar estas coisas.  
 Nunca o vi, a não ser em sonhos,  
 aquele Galileu, mas como não lembrar  
 Quem disse isto, tomando vinho: e verei a Deus face a face.  
 Deixei de crer em um Senhor dos Exércitos,  
 Deus não usa fardas.  
 Sou , como sabeis, um fazedor de tendas  
 E não anuncio nada, a não ser isto  
 Entre a fé hebraica de meus pais  
 e a esperança de um menino:  
 O amor prevalecerá. O amor, ele.

*No aeroporto de Viracopos  
 28 de novembro de 1999  
 na última folha de um livro de Wallace Stevens*

***Voltar***

Será um dia quando  
irei, como vai o vento  
e com o vento vai  
tudo o que ao vento voa  
e esquece do dia de voltar.  
Irei plantar rosas laranja  
Nas terra da Rosa dos Ventos  
sob o sol de outubro.  
Outras, entre branco e amarelo  
algumas serão como um outro  
pequeno sol caseiro  
nascido do céu do chão da terra  
e do meu já então esquecido  
cansado gesto de abandono.

*Montes Claros  
5 de novembro de 2008*

## *Setembro*

Quando é já setembro  
e as primeiras chuvas do verão  
derrubam das árvores na floresta  
as derradeiras folhas secas,  
outras árvores sugam dos ocos da terra  
o que sobrou de água ainda.  
Então é quando os riachos minguam  
e suas cascatas de janeiro  
são como finos fios de lágrimas  
que o silêncio da mata  
atento escuta, enquanto o sol  
tocado pelo vento, vai embora.

*Montes Claros  
5 de novembro de 2008*



*Viajantes*

Vimos de longe  
de tão longe vimos  
que mesmo o vento  
que nos trouxe aqui  
nos achou longe  
de onde vimos.  
Foram ilhas e trilhas  
que viajamos  
e onde fomos e vagamos  
nem mesmo o chão  
de nós se lembra.

Vimos vindo ao léu  
pastores sem rebanho  
e uma flauta de ossos  
soava à nossa frente  
como a voz de um menino  
um deus, um pássaro.  
Onde paramos  
comemos pão amargo  
e a cada um de nós, errantes  
a água cabia em meia mão.  
Alguns foram ficando  
e os seus corpos cobrimos  
de preces, terra, pedras.  
As sandálias remendemos  
Com tiras, nove vezes  
e as crianças que nasceram  
sabem ler.  
Chegamos aqui,  
Aqui chegamos  
e o que restou  
vos damos de presente:  
um amuleto, um astrolábio  
e um ar de ausência.

*Campinas**19 de outubro de 2009*

***Rua General Barbosa Lima***

Como subia o morro  
Em que acabava  
Depois de passar  
Onde eu nasci,  
A minha rua de menino  
Parecia olhar de longe  
O mar, Copacabana  
O farol da ilha rasa  
E, mais longe ainda,  
O outro lado do mar  
Onde eu, menino,  
Imaginava outro menino  
Como eu, igual a mim  
Pensando se do outro lado  
Do mar sem beira e sem fim  
um outro menino como eu havia.

*Campinas*  
*19 d outubro de 2009*

*No Nordeste, lembrando os Alpes*

Nevava em Brênero  
e era de neve  
o caminho  
que pela neve ia.  
Um branco por ali  
branqueia tudo  
e era branco  
tudo o que se via.

***Um homem que pesquisava o povo***

*vi um filme sobre este homem, pesquisador de seu povo, na Bolívia*

Trôpego e algo gordo, já velho  
andante de sandália e poncho  
ele varava de sandália a pé os Andes.  
Não colhia coca e nem cebolas.  
Ia sozinho de um ayllu a outro  
em busca de uma nota:  
uma si, um la, um dó  
da dor do povo andino  
transformada entanto  
em conto, em canto.

Nunca soube o seu nome  
um boliviano que colhia rostos,  
gestos, versos, mitos e memórias,  
uma frase esquecida atrás da porta.  
Como chamá-lo mestre?  
com que nome?  
Se é que a um homem assim  
uma nome importa.

*fogos na caatinga*

Sobe sobre tudo nesta tarde  
uma fumaça cinza  
que a palha da caatinga acende  
e o vento atiça.

Um fogo que na noite  
acende luzes  
como se fosse festa  
o que é fúria.

*um riachinho de João*

Sereno e sozinho  
desde do alto de um morro  
um riachinho.  
Depois de descer  
entre cachoeiras  
e entre espumas  
do que antes era água  
corria entre menino e arisco  
quem agora viaja lento, manso  
e quase passo a passo  
vai sem pressa entre brenhas do cerrado  
a procura mais adiante de seu rio:  
o "das Velhas", o "do Sono", o "de Janeiro",  
um rio qualquer que como os outros todos  
adiante vai dar no São Francisco.

*Paulo Freire*

A barba branca aveluda  
a dura fala mansa  
de quem escuta e então fala  
o que de um outro ele ouvia  
quando ensinando, aprendia.

Mas os gestos das mãos  
largos como na festa  
volteiam quem fantasia,  
como bandeira de guia  
e chamam pra luta na rua  
quem sua fala calava.  
Quem seu chamado esquecia!

*ruídos do sertão nordeste*

O zunir da cigarra  
no sertão, o zurrar  
do jumento, o coaxar  
dos sapos nos açudes.  
O balir da cabra dia adentro  
e outro do bode que balindo respondia.  
O ciciar de quem? Adonde? Quando?  
E o silêncio que tudo cala na caatinga  
o cantório de tudo quanto há  
quando sozinho canta um sabiá.



*Os dias*

São sementes os dias.  
No chão do tempo alguém enterra o grão  
E como o milho o dia brota com o sol.  
E olhas o relógio e não as folhas verdes.  
Quem era aquele que passou ali, agora?  
Não sabes e olhas o relógio e dizes:  
“o tempo passa”. E ele se foi, passou, alguém  
Que poderia ser o Buda ou o Cristo.  
Passa o tempo, mas como o milho  
Um dia o fruto amadurece.  
E isto é agora!

***Um pequeno animal de penas***

Não quero chamar “morte”  
ao que seja isto, agora.  
O pequeno animal de penas  
desistiu do voo  
e pousou sua mínima sombra  
em um canto do caminho.  
O olhar atrás das pupilas  
já não espia mais os grilos.  
Ele adormece e é sem sonhos.  
e a floresta enfim silencia.  
Uma outra vida se apossa de seu corpo  
e alimenta com ele uma outra vida.

*Na folha final do livro El bosque transparente  
De Angel Crespo  
Voo de São Paulo a Madrid em 1999*

***Há horas como esta***

Um grão da chuva na folha caída, no outono.  
Na folha seca caída um maio inteiro adormece.  
há horas como esta em que tudo alimenta a alma  
que caminha como se pudesse ver no vento  
o rosto de algum ser de mito e de magia.  
Sobre o galho de um Angelim e não em uma nuvem  
um anjo quando dorme e esquece por um instante  
ser eterno e como o homem, sonha.  
E ébrio do sonho deste instante, sonha ser humano.

*Na folha final do livro El bosque transparente  
De Angel Crespo  
Voo de São Paulo a Madrid em 1999*

*Quem pela estrada vinha*

Era um tempo quando eu fui agora  
e que quando eu caminhava havia  
em cada curva da estrada a estrada inteira  
e uma árvore encantada em sua beira.  
Quem pela estrada vinha e nela andava  
e cansado de andar pousava o corpo  
sob a sombra da árvore, e repousava,  
sob a sombra da árvore adormecia  
e sob a sombra da árvore se assombrava.

*Quem?*

O que nós somos?  
 Quem diz o ser  
 de quem pensa ser?  
 Somos quem somos  
 ou são os outros  
 que de nós mesmo  
 nos dizem: “eles”?  
 Somos areia  
 e cabe ao vento  
 dizer quem somos?  
 Somos quem fomos  
 e fomos quem?  
 E se nem somos  
 somos ninguém?

*Quem?**dois*

O que nós somos?  
 Quem pensa o Ser  
 Que sonha ser?  
 Somos quem somos  
 Ou são os outros  
 Quem dizem: “nós”.  
 Somos areia  
 Que ao vento vai  
 E cabe ao vento  
 Dizer quem somos?  
 Somos quem fomos?  
 E houve um ontem?  
 E fomos quem?  
 E quando somos?  
 E se nem somos  
 Quem foi alguém  
 Quem fomos? Quando?  
 E agora enfim  
 somos ninguém?

***E hoje quando é tempo agora***

“Combati o bom combate”.  
Combati?  
Vaguei mil dias e mares sete vezes  
e sete vezes entre mil trilhas me perdi.  
E hoje, quando é tempo agora  
de medir em braços o que eu vivi  
vejo que viajei pela vida, vida afora,  
sem sair da rua onde eu nasci.

### *Capela na mata*

De pedra, uma capela  
ali na floresta, como a pedra  
sob a sombra de uma cruz de Cedro  
que mal o sol de maio roça,  
plantada, como a árvore ao lado  
de pedra uma capela  
espera a noite e um deus.  
Da copa de um Angico acima  
cai, como a noite, escura  
uma semente madura,  
promessa de fruta caída cedo  
sobre o teto de telhas da capela.  
É ela nada, ou um deus?

### *Deus?*

Chamei teu nome, Deus,  
chamei o teu nome  
e no silêncio da noite  
o vento respondeu com o vento.  
A noite foi o desenho de teu rosto  
e eu quis tocá-lo e toquei o meu.  
Se foi assim, é porque não és  
ou será porque estás em mim  
que ouvindo o vento  
ainda não te ouço  
e assustado, ouço a mim?

***o de repente***  
**pra ser cantado ao som de viola e caixa de Folia de Santos Reis**

*Para Josino, dito Josino Medina, dito Menino Josino,  
dito Josino do Norte, dito...*

O improviso do repente que me toca  
e me cantando soletra o que eu invento  
me improvisa eu mesmo... de repente.  
E a melodia de mim, minha viola  
me dedilha com os dedos que são meus?  
E a toada em sol, sentida se enovela  
E em lá, em si, em dó, dolente soa  
e me entoa e me entretece e me evola  
como em baile de menino, duende e fada.  
Ou como a carta que o amor escreve e entrega  
à moça feia do sertão... mas tão amada.  
E entre dedos e cordas nos tocamos  
como se entoam a folha seca, o ar e o vento,  
ou como o barco quando hasteia a sua vela  
e navega num rio que se navega  
e leva o barco, o mundo e eu ao mar  
E ao bem-te-vi eu pergunto, navegando:  
você que voa... aonde é o mar, amigo.  
E piando ele voa e me responde:  
o mar é ali, e ali é nunca e sempre,  
e todo o sempre se acaba em algum mar!

E eu espero ao dia a noite e à noite o dia  
até quando a hora de agora se termina  
e acaba de repente o que começa  
e começou quando o que era se acabou  
e o que nem era demora pra chegar.  
E foi caminho? Foi canção? Foi poesia?  
Foi cantório de violeiro sem destino  
violando o que será e o que passou  
e aboiando pro rebanho das estrelas  
quando era noite ainda e o sol dormia?

Ou foi o silêncio com que eu ponteio  
o som do sonho em que eu me assombro  
do que eu canto aonde, como e quando?  
E pronto! Lá se foi em dó, em si, em ré  
a toada da cantiga em que se conte  
as estórias que não sei do que não fui,  
as lembranças de ontem, e então e até.  
Ou o silêncio em que eu me cante,  
na voz de quem lembra, um canto ou o quê?

E depois eu calo e o silêncio me acalenta.  
Lento, lento o que veio vai embora  
e eu guardo a viola no saco, e mais os meus  
achados recolhidos pela estrada:  
um sonho, uma sombra, uma cantiga  
o retrato preto-e-branco de uma amiga  
o gesto de quem fica, e acena e chora.  
E do meio do caminho eu grito: eu volto!  
e da curva da estrada eu canto... adeus!



*Cantos de Sertões***I.**

No sertão a lua cheia aquarela o ar da noite.  
Entre areias e águas quietas da vereda  
ela espelha o seu rosto pintado de pequi  
laranja claro, doce caroço que o céu rói.  
Quieto é tudo e à meia-noite o rio se para  
e espera pelo voo de uma ave. Nada voa  
e nada anda no tapete prata dos gerais.  
E se há luar, o que nele é luz clareia  
o que o cerrado em maio colhe e mói.

**II.**

Não há prata nas minas, nem há ouro.  
Aqui só a água das veredas é o que mina  
numa terra amarga e avara de sertão.  
Com carinho de alma o luar da lua cheia  
colore com a cor da prata que ilumina  
o que foi ontem sol e é sombra à noite  
entre as oito-e-vinte e as dez-e-meia.  
E a noite adormece o que foi vida ao dia  
e agora rebrilha na luz clara que há no chão.

**III.**

Uma só ave que voasse agora  
(um urubu, um manuelzinho da coroa)  
moveria a alma dessa noite tecelã  
que a lua cheia do sertão acende e acorda.  
O verde cinza do cerrado é azul e cor de água  
e o que dizer dessa noite como um dia?  
O que dizer de seu ofício de artesã?  
Fiandeira, a lua nada acende, apenas borda  
de amarelo, de azul claro, branco e prata  
O pano do luar que sem pressa tece e fia.

*Montes Claros, outono de 2010*

***O vento, o moinho***

*Sobre uma imagem de Martin Heidegger*

***I.***

Venta, vê, e o moinho  
se move e deixa ver o vento  
na aba do moinho que ele gira  
e você vê, ali, *sozinho*,  
e aprende que o vento você vê  
é o vento o que se vê  
no movimento das asas do moinho.

***II.***

O vento venta e quando venta  
não se vê ele ventar sozinho.  
Quem vê o vento quando venta  
e não move a roda do moinho?

*A palavra amor*

De tudo o que foi dito  
Toda a palavra dita um dia  
É sempre uma primeira palavra  
Falada uma primeira vez.  
Toda palavra cria o que ela escreve  
E o amor é isto: o que se pode sentir  
Porque esta palavra existe: amor.  
O amor se diz e pode ser chamado  
Como um deus, um vidro verde,  
Um relicário, o terceiro poema de um livro  
Um grito de mãe, um arfar dos olhos  
Um roçar dos dedos, um aroma de corpo  
O mapa de uma terra desconhecida  
E, no entanto ali, à espera de um navio.  
Ou como a pessoa que esteve sempre aqui  
E começou a existir quando chegastes  
E te fez existir quando disse: eu amo  
E foi com o vento, e foi com a vida  
e foi com essa palavra: amor.

*A cachoeira*

Quem vem aqui vindo de outras águas  
Entre trilha de longe, entre tardes  
E daqui olha agora esta colcha branca  
Molhada pelo sol e seca à chuva  
Roupa branca de véspera de noiva  
Dependurada no varal do rio,  
Aqui, onde antes dos brancos, bandoleiros  
Havia índios e peixes dourados e araras  
E à volta da fogueira à noite se acreditava  
Que Deus é um nome, um brilho, um bicho, uma mulher,  
Quem venha aqui de longe e veja, aprende aqui  
Que permanece só o que se esvai  
E estável o que despenca e flui como a água.  
E nós que vemos isso não somos eternos  
Flui o corpo, água aprisionada em quem fomos um dia  
E fica a alma, o vento, o sopro,  
o nada que nem havia ali  
mas segue, como um rio, o seu destino.

*Novembro 1999*

*A volta*

Não que semelhasse haver chegado.  
Não ainda. Mas a pura espera de sua volta  
dava à noite, aqui ao redor do jardim da casa  
a pura imagem de tempos já vividos.  
Já que esperar era a aventura  
que ali a todos nos unia,  
era aquilo que ainda iria acontecer:  
um raro mistério de algo já vivido  
(algo como um diário de bordo, antigo  
onde as letras, escritas em sépia  
eram no entanto de todos já sabidas).  
E nem era preciso aquela névoa, aquela bruma  
como no começo de alguns filmes da Escócia  
para que o singelo rosto do segredo  
viesse revestir de branco o olhar de cada coisa.  
Porque – e este foi o milagre –  
(se é que esta palavra cabe aqui)  
a espera sem resposta a todos ofertou  
um breve senso de vida aos objetos da sala.  
E assim, à mesa do jantar e à hora nona  
de dentro do silêncio parecia haver falado  
aquele que viria e era esperado.  
Posto que ao seu redor, silenciosos também  
como os mortos, no entanto ouvíamos palavras  
que alguns julgaram ser de profecia.  
Por isso, agora não importa que não tenha vindo  
(como de fato cremos que não veio)  
pois eis que o que ele diria, fora dito.

*Campinas, 1987*

*Florescer*

Florem os flamboyants  
(florescem, diriam outros)  
aqui e agora quando outono  
acende o fogo-brasa do cerrado.  
Mas faz frio e um céu de cinzas  
promete chuva até o fim do dia.  
Uma cor laranja entre outros verdes  
sobrou de setembro e sua sede  
e antecipa um pôr-do-sol á nossa volta.  
Nem as abelhas entrevoam essas flores  
e os sabiás (sábios) preferem outros frutos.  
A tarde cai e antes de ser noite tudo é verde  
e o verde se desbota de cinzento  
antes que a noite cubra de azul escuro tudo:  
as abelhas, os sabiás, folhas e flores, frutos  
e nós, aqui, os que falamos do cosmos, do infinito  
encalhados no branco desta sala morta  
sem saber onde a vida se colore à nossa volta.

*Sapos, falas*

Do que falas, silêncio desta tarde?  
Que os sapos do rio falem por ti.  
Se as estrelas calam, eles coaxam  
E de estrelas e sapos é que tudo existe.  
A tarde cala, os sapos cantam  
E ensaiam agora o que é orquestra à noite;.  
Do que falas, silêncio desta tarde?  
O fio dos grilos ecoa entre os campos  
E cada brejo é um concerto, é uma festa  
De sextetos de cordas e de flautas.

*O salto*

O Salto do Avanhadava acabou  
Anos depois de quando  
Lavei meu corpo nas águas claras do rio Tietê.  
Rugidor feroz noite inteira uivando  
Barulhos que os homens calam  
E as estrelas ouvem.  
Lugar onde as águas dançam  
Antes de deitarem adiante  
Na cama de água de um agora manso.  
Despenhadeiro de pedras e degraus  
De rochas que milênios  
Do lavar do rio tornaram patamares  
Por onde este rio eu fuge do mar  
Desde ao degrau de baixo do sertão.



### *Tortilla*

Vista de longe a massa da tortilha  
parece massa de cal quase branca  
E pronta para o reboco da parede.  
Envolta em folhas verdes  
E cozida em fogo manso  
Quando pronta a tortilha  
Quase lembra a forma do tijolo  
Quando já gasto, roído pelo vento.

A tortilha é feita em olaria:  
A massa do milho com a cal  
Moída a mão de índia, a mó de moinho  
Afogada em água como a massa de cimento,  
O tijolo da tortilha, pedra ardente  
Que a boca engole com delícia  
E se dissolve em seiva, em fibra  
Com que o corpo do índio  
Se arma pra outro dia.

*México*

Relembro pedras  
Como de ontem  
E águas rasas.  
Garças de pés na lama  
Pescam peixes de cor prata.  
Relembro montanhas  
Nem tão altas, nem tão verdes,  
Trilhas de entre pueblos  
Para pés calçados de sandálias.

Relembro sorrisos,  
Nunca tão arteiros  
Como os dentes de nuvem  
Em bocas de negros  
Dos homens do Caribe.  
Amargos sorrisos  
De índios donos pobres  
Das terras onde plantam milho.  
Homens bons, à noite bêbados  
De temor da morte e de tequila.  
Sorrisos que o chão vê antes do céu  
Porque de corpos curvados  
como o lugar onde a bengala tarasca  
Apoia a custo a mão.

*A fala*

Espírito purépecha,  
Em que língua agora  
As veredas da meseta  
Escutam a tua voz?  
Até quando em algum pueblo  
Ao redor do lago de Pátzcuaro  
Ainda o vento e as crianças  
Ouvirão canções de ninar  
Nesta língua de acentos de anjos?

*Campinas*

*17 e 18 de novembro de 2010*

*Em um fim do livro  
Ossos de Sépia  
de Eugênio Montale*

A serena sombra  
mal pousara  
no teu ombro, amigo.  
O sol se vai, sombrio  
e é hora. É hora  
e agora parte.  
E a vela ao vento  
na orla do horizonte  
é o teu presságio.  
Parte agora, amigo  
agora é tarde,  
e que em meu ombro  
sobre a sombra  
de teu braço  
em meu abraço.

*e como desatento*

Trôpegos os passos  
teus olhos vesgos  
o que ainda veem?  
O que espreitam:  
o sempre? o mesmo?  
Passas entre as flores  
e como desatento  
cambaleias a esmo  
não vês as flores  
que te esperam.

*Enquanto na água*

Azul, azulíneo  
o espelho do lago  
que, entanto o gesto  
de uma pedra turva  
enquanto na água  
alonga ondas que  
vagam de um centro  
até o ponto em que  
invisíveis elas são  
portanto, intermináveis.

*os óculos, a bengala*

Quem era aquele que chegou  
vindo de onde nunca se soube nada?  
A bengala deixada sobre a mesa  
e os óculos esquecidos na cadeira  
sugerem a pressa de ir embora.  
E havendo ido, para onde foi?  
E a que lugar chegará um velho  
caminhando sem óculos e bengala?

*andejo*

Acostumado a andar a esmo  
evitava nas estradas ler as placas.  
Preferia o sol, seu sempre fiel  
estar ali, a leste, às sete horas.  
Preferia na noite as estrelas  
como Sirius, Antares, Aldebarã.  
A cada passo pensava: "dei um passo"  
e além dele tudo lhe era o vago tempo  
em que ontem e nunca é a mesma conta,  
em que todo o sempre é igual a um amanhã.

*sorria enquanto a água*

Lavava as mãos  
e uma na outra passava  
água e sabão.  
Sorria enquanto a água  
carregava para fora delas  
um caldo cor de terra  
que encharca a terra  
e a terra recebe e amortalha.  
Vinha do jardim, cavava o chão  
plantava mudas de açucena  
e frente ao tanque sorria agora  
com as mãos limpas na toalha  
com quem lava a sua alma  
enquanto com água lava a mão.

***Ladainhas de Bragança****segunda versão****um***

E não havia um pássaro no pasto  
e nem havia em mim, andante  
e nem no rosto de Fernando Iº  
o de Bragança, um sinal de chegada,  
uma hospedagem que a um corpo recebe  
e sua carga de trastes e cansaços.  
O castanhal amadurece e é dezembro  
sobre os montes e dentro do castelo  
onde uma velha varria folhas secas  
e cantava canções de um outro tempo  
e a mão da noite veio e, sesmaria,  
semeava grãos de sono e de feitiço.

***dois***

E era outono, e era onde?  
Era em Minas do Norte ou era aqui?  
E há um longe e um rio chamado Tua,  
e Mirandela, onde se sobe a um trem  
que sobe penhas e atravessa as oliveiras.  
E era a casa de alguém por nome Fialho  
e o feitiço de um fogo ardia no ar.  
Um lume, como fogos de coivara  
sobe o céu de Bragança. E a noite armava  
um cantar de coretos e alma errante  
de peregrinos rumo a Santiago  
gritando da estrada: “Deus existe!”

*três*

E por toda a parte é assim e é diverso.  
E havia ali um certo ar de frades,  
de astros e álgebras de árabes  
ou de uma prece em vão, já não sei mais.  
Havia vaticínios e um céu de professores  
de ciência, de alquimia ou de tarô  
e um suspense como em filme em preto-e-branco  
ou como a rosa na boca do fuzil.

*quatro*

Havia um nome secreto e era “aura”.  
E uma cesta de amoras e uma moça  
pisando descalça um chão de monges  
na hora amena das primas do mosteiro.  
E era o silêncio agora e era de bronze  
como a letra na palavra de uma frase  
não dita entre uma fala e a outra,  
ou como um momento do ar no Sul de Minas  
na paz da entre-hora após a chuva.



*cinco*

Faltam só quatro noites para o dia.  
E quando a noite for, quero sonhar com freiras,  
com a explosão de cometas. Com Antares.  
Caminho como quem chegou e não sabia  
e de minha fé vivo a memória de uma festa antiga  
e camponesa, com viola e lágrimas e cantos.  
E de deus eu quero velas, quero danças.  
Quero saia longa das moças do sertão  
ou das vilas de vinho e Trás-os-Montes.

*Seis*

É noite e sonho todos os pesares  
e releio a luz de vela um romancero,  
o Cantar de Mio Cid e Raul Brandão.  
E faço a contas e decifro que universo,  
Se não há aqui um alguém, um cristão velho  
que venha e sem fala acenda a vela  
e me ilumine essa prece começada  
dois minutos antes de esquecida?

*Bragança  
quando?*

*Caracas*

Daqui se vê o mundo como as águias:  
do alto, como se de um espanto.  
E, entanto, o mundo.  
Quem disputa nessas terras ao Norte  
o poder de fazer planos e erguer torres  
e expulsar os pobres e as gaivotas?  
Os que vieram morar nos altos de Caracas  
desejam os morros limpos e falam sobre verdes  
como o seu quintal. Senhores de um mundo.

Mas, como em minha terra, os pobres daqui  
aprenderam a conquistar frações dos altos.  
E, munidos de silêncio e ferros,  
assaltam na noite a virgindade dos verdes  
e semeiam às pressas, ruelas e casas de caixotes.  
“Sujam” os morros com a cor da vida  
e semeiam não flores, mas crianças magras:  
flores pálidas e frágeis, ervas daninhas  
aos olhos dos que passam em carros fechados  
ou quando vistas das janelas das altas torres.  
E, no entanto, seres humanos de carne e alma.  
Seres que o amor pare uma noite  
e a cidade adiante um dia devora.

*Caracas*  
*25 de setembro de 1984*

***O sonho ruim***

Há no Recife  
(como em Veneza)  
uma cidade  
dentro da outra metida.  
Da cidade clara aos turistas  
ela se esconde entre  
beiras sujas de dois rios  
e alguns cantos escuros.  
Uma gente sem moradia  
mora pela ruas, entre calçadas  
e ali conversa à noite sobre o dia  
e come sobras e dorme sobre restos.  
Mal oculta aos olhos do turista  
habitada por pequenas tropas  
de “meninos de rua”  
e as moças que outros  
chamam de “vadia”,  
a cidade que a cidade oculta  
é, como a mulher nua,  
a sua mais fiel fotografia.

*No Recife*

*Profecias*

A mulher negra e aleijada.  
Feia e de fala dura  
como um punhado de pedras  
pedia em Congonhas do Campo  
esmolas aos pés dos profetas.

Doida e desvestida no chão da escada  
essa negra deveria ser “a santa do lugar”.  
E entre os cacos dos dentes ela dizia:  
“Ó minha filha, me dê uma esmola!  
“Ó meu senhor, me dê um olhar!”.  
E nos silêncios, como nos profetas:  
“Vós, que oprimis os pobres!”

*Congonhas do Campo*

***o emaranhado****versão 2015*

E ara, nem era a hora ainda  
 e nem chegara a era do esperado.  
 Olha! A aurora é sempre ontem  
 e, fora o tempo, tudo passa  
 e isso, amigo, é o infindo!

Há palavras que são,  
 como o silêncio do monge  
 a saudade da amora não comida  
 e quem procura o que há, desista!  
 Pois quem busca não acha nem agora  
 e nem ontem. E como o barco sem leve  
 que navega um mar que há em Minas  
 tudo volta, retorna. Tudo é medido?  
 E de noite eu sei que só há história  
 no desencontro do sempre com o sentido.

Segredo me contaram e conto agora:  
 não se joga a vida no esquecido  
 e se dela nem os anjos lembram nada  
 o que dizer dos livros não escritos?  
 Lembram os bichos, que sabem e não dizem  
 (essas gaivotas do sul, voando em fila)  
 ou mesmo a morte, que nunca soube disto?  
 Não sei. Quem sabe? Que teoria?  
 E de qual delas o que vale ser escrito?  
 Há em tudo isso algo que a avó conte  
 a um neto em noite escura, mal dormida?  
 Pois do que eu soube, guardo apenas isto:  
 amor é bom – amora bem comida  
 e o pensar cansa a alma e apressa a vida.

*Pocinhos do Rio Rio*  
 1993

*Atibaia, pelos montes*

É tão estranha essa manha de verdes  
e entre-cantos de brisas, passarinhos e sobre-tons  
de um jardim de sementes e memórias.  
Essa manhã, ela carrega como um rosto  
pouca coisa e, no entanto, quase tudo:  
a maldição de sermos dia-e-noite  
a rara espécie que escreve o seu nome  
e sermos os que sabem de seu corpo  
e dão a tudo um selo, ao invés de um canto.

E sermos como um barco rumo a um porto  
com as velas abertas a vento algum  
e o olhar entre o amigo e o horizonte  
a procura de chegar até onde? A que?  
Não sei. A um lugar depois de tudo  
ou a um pouso antigo e sem roteiro,  
igual a este jardim nesta manhã

*memória de setembro*

memória de setembro  
o mar, me lembro  
o mar imenso e, entanto,  
como um jardim  
de velha ao meio dia.  
A tarde acende às sete horas  
fogueiras no horizonte do arvoredo.  
ao longe uma gaivota pia  
e, sereno, o sol se põe  
lilás e triste,  
pensando que ainda é cedo.

*Memória de setembro  
dois*

A tarde cai de pé  
e entrega à força  
a luz que acendeu  
às seis e meia.  
Lamenta de partir  
retarda a noite  
que mareia o mar,  
e se veste de triste  
de lilás e de arvoredo.  
Ela acende a fogo o luar  
que vem com a noite  
e entre a paz o escuro  
o espanto e o medo  
ela anoitece e enfim afaga  
a sua hora de sossego.

*Campinas*  
1976

*memória de setembro*  
*três*

As árvores floridas de setembro  
guardaram flores pra florir outubro,  
flamboaiãs entre laranja e fogo  
e pés de ipê ainda cor de ouro.  
O camponês, guardião de nosso almoço  
arou o campo e convocou a chuva  
para o dia vinte de novembro.

Ele sabe, e a terra ensina:  
depois das flores semear o milho.  
Depois do ouro esperar o grão.



*Com as duas mãos*

Colhi duas flores  
com as duas mãos.  
Andei pelos campos  
como quem voltava  
de onde nunca foi.  
Quando a noite veio  
e com o escuro fez  
florir vaga-lumes  
as estrelas, a lua  
me encontrou no meio  
do começo do caminho.  
Adormeci no campo  
como a ave no ninho  
e foi como ser houvesse  
nascido outra vez.

*Pela noite ou por campos*

Mas eu não vou morrer  
e setembro. É cedo,  
e por um nome a vida continua.  
Porque houve ritos entre velas  
e gestos como a flor ou a frase  
com que se soletra ao dia o seu poema.

Eu não vou morrer. É cedo ainda  
e sei que, amara, a morte não escolhe  
quem vigia pela noite a espera,  
e espreita da janela um novo dia.  
Um dia ela virá e eu irei como em um barco  
de velhos marinheiros congregados  
ao ofício de erguer velas e navegar  
entre rumos de ilhas além e antigas  
até quando morrem no mar e, encantados,  
renascem na memória de seus barcos  
e gaivotas, crianças, lendas e cantigas.

*Campinas*  
1977

*os assombros da memória*

Voltar, como quem vela  
os recantos da sobra da vida  
de onde o tempo retorne  
ao que foi seu rosto um dia.  
Às muitas voltas  
que a memória, armada  
de harpa, viola e violino,  
relembra a quem esquece  
a letra de seu nome antigo  
a rua onde morou menino  
e a sua primeira melodia.

*Sabará*  
*julho de 1979*

***momentos em que****para Maria Alice*

Não deixemos, pequena amada  
que a noite desça sobre nós  
sem um breve gesto de amor.  
Sem fazer da noite a companheira,  
e o agasalho de lã e algodão  
e mais a prece que se canta a dois,  
por ser haver vivido um dia a mais.  
E nesse dia cabe a vida inteira.

Não deixemos, doce amada,  
de consagrar com a alma e a mão  
uma outra noite que chega  
do país de onde fomos quando então  
e nos encontra aqui, como outro dia  
de mãos dadas diante da lareira.

*Campinas*  
*maio de 1976*

*suave é a tarde*

Quando é a tarde, abre os olhos.  
Abre! Abre os olhos na tarde e vê.  
E vê os corpos que a areia acolhe  
ali, onde os sem-teto adormecem. E sem o pão.  
Abre os olhos. É tarde, abre e vê. Há deserdados.  
Houve festa? Não há agora. Abre os olhos e vê.  
A tarde veio e a noite acolhe as crianças.  
Vê. São pequenas e dormem sobre palhas.  
Sobre areia dormem e dormem sobre papelões.  
A noite veio e quem ouviu além do pio dos pássaros  
o silêncio dos velhos, o pranto das crianças?  
São crianças, entanto. Vê e escuta! Ede fome choram.  
A noite é fria e elas choram. Calam as mães, é tarde  
e faz um frio de maio em mês de festas.  
Este Natal às avessas, vê, como um velório.  
Ah, tu que passas com pressa e desalento,  
te pesa a vida, eu sei, e o dia é longo,  
E mais a pressa de chegar, a sopa quente.  
Para tu que vais à casa, como um viajante  
para um momento, um instante só em tua pressa.  
Detém-te e olha, e vê e ouve. É o pranto de crianças.  
E uma com as mãos limpa do rosto o ranho.  
Acolhe esses rostos que deveriam ser de festa.  
São crianças e na noite que veio ela têm fome.  
Tu que passas, sonhador que sonhas.  
Para um instante e ouve, e abre os olhos e vê.  
Uma criança chora. Ela tem fome  
e nela há um deus que te vê ver e passar.

*Suave é a noite*

Infinito o tempo em que me escutas  
voz de arcanos, de anjos de que mundo?  
Suave a noite, e sábia, esconde acaso  
a era de viver de que me inundo?

*O sol, o chão*

Os dias, sim. E a sombra entanto  
de um sol de antigo outono  
sobre o teu rosto que acaso  
escondes entre o chapéu e a mão.  
Serena é a hora e é estranho  
agora que sem pressa mal de movas.  
Um navio se apronta no horizonte  
e de onde vem? Perguntas. e te calas  
Serena é a hora, repito e agora  
como um sussurro o sol se põe.  
E a maçã que agora comes é como o sol.  
e sem saber mastigas um crepúsculo  
e sorris como se um deus, uma criança.  
e com os pés descalços, como um mago  
desenhas flores sobre o chão.

*Do que foi o rosto*

Espera dessa hora um acaso.  
O urro de um macaco na floresta  
o voo de borboletas sobre a bosta  
o cair da água, a sobra de um orvalho  
o cobrir de flor o que foi ave.  
Espera dessa hora a só lembrança  
do que foi rosto e é agora pranto.  
Espera dela o nada, o sem-nome  
e o sumir na poeira, o que era ontem  
e caber no teu bolso o que foi tanto.

*à noite, um bacurau*

A alma se esconde atrás da árvore  
e no chão semeia o açafraão.  
Um menino empina um papagaio  
E foi por isso que ventava então.  
Há no vento um certo ar de antes  
e quem voa em abril não são os pássaros  
e nem são folha. Voa o papagaio  
e mais sete palavras de uma prece  
silenciadas na capela de São João.  
Uma igreja de pedras, restaurada  
entre restos de velas e de óleos,  
e de santos cujo rosto o tempo apaga  
enquanto fora a tarde anoitecia.  
O papagaio numa árvore se aquietava  
O menino não sabia se chorava  
e um bacurau piava e outro calava  
e o já era a noite anoitecia  
enquanto a noite o dia anunciava.



*aos que vierem*

Quando estes pequenos sinais  
(marcas a lápis na margem dos livros)  
forem algum dia achados ao acaso  
eu terei ido embora daqui.  
Virá alguém à biblioteca que foi minha  
e abrirá distraído um livro entre tantos.  
Ao folhear as páginas, sem pressa,  
em alguma folha setenta e quatro  
encontrará uma pálida, uma quase apagada  
escritura que eu rabisquei um dia.  
Talvez nem a note, e será bom.  
Ou, então, curioso, fugirá por um instante  
do texto impresso em letras de um negro poder  
e virá à margem ver os meus rabiscos.  
Não saberá decifrar a minha letra ilegível  
E nem por isto ficará menos sábio.  
E fechará o livro e ao devolvê-lo à estante  
talvez pergunte: quem foi? quando?  
E pode ser que a alma de meu espírito então responda:  
*Fui eu, mas esqueça. Eu esqueci.*

*21 de março  
(onde e quando?)*



***Este volume de escritos envolve  
um conjunto de livros e outros  
textos antigos e novos  
entre inéditos e já editados;  
mantidos como no original,  
ou revisitados e revistos.***

***Ele integra a série  
ESCRITOS DA ROSA DOS VENTOS  
É colocado em circulação para ser  
acessado, lido e partilhado livre e  
gratuitamente.***

***Livros meus podem ser  
encontrados em  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)  
[www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br)  
LIVRO LIVRE***